

Psicanálise: Uma Ética do Desejo

Psychoanalysis: An Ethics of Desire

Sérgio Scotti ¹

Resumo

O artigo explora e analisa a tese de Lacan, segundo a qual a única coisa da qual se pode ser culpado, pelo menos da perspectiva analítica, é de ter cedido de seu desejo. Indaga de que desejo falava Lacan. Seria o desejo sexual de que também falava Freud? Afirma que o desejo sexual, como Freud e Lacan nos mostraram, é sempre conflituoso, na medida em que seus primeiros objetos são proibidos. O desejo pode provocar angústia, todo desejo na sua origem comporta algo de recusado pelo sujeito. A partir disso continua a indagar por que Lacan nos diz que podemos ser culpados por ceder de nosso desejo se nós próprios recusamos em alguma medida esse desejo? Responde que somos responsáveis por ele, mesmo que ele seja inconsciente. Isso significa dizer que o inconsciente faz parte de nós e que, talvez, ele seja mesmo a nossa própria essência. Chama, ainda, a atenção para o fato de que desde a invenção da Psicanálise, Freud nos colocou diante de uma realidade que altera definitivamente a concepção que temos do homem e de sua dimensão ética. Conclui que, a partir de Freud, o homem se vê diante do fato de que não é soberano dentro de sua própria casa, que não é dono de seus motivos mais profundos e de que pode se enganar quanto ao sentido de suas ações e que, segundo Lacan, o juízo que o homem faz de suas ações não pode mais deixar de considerar a questão do desejo, mesmo que ele seja inconsciente.

Palavras-chave: Psicanálise; inconsciente; desejo; ética.

Abstract

The article explores the thesis of Lacan, that the only thing one can be blamed, at least from an analytical perspective, is to have yielded to his desire. It questions what was the desire Lacan talked about. Was it the same sexual desire that Freud also spoke? It states that sexual desire, as Freud and Lacan showed us, is always contentious, since their first objects are prohibited. Desire can cause distress, every desire involves, in its origin, something denied by the subject. From this point the author continues to ask why Lacan tells us we can be blamed for yielding to desire if we refuse to some extent this desire? The answer is that we are responsible for it, even if this desire is unconscious. This means to say that the unconscious is part of us and that perhaps it is even our very essence. The author calls also attention to the fact that since the invention of psychoanalysis, Freud put us facing a reality that definitely changes the conception we have of man and his ethical dimension. It concludes that, since Freud, the man is confronted by the fact that he is no longer sovereign in his own home and he doesn't own his deeper motives and that can be mistaken in what concerns the meaning of his actions and that according to Lacan, the judgment that man makes of his actions can not fail to consider the question of desire, even if it is unconscious.

Keywords: Psychoanalysis; unconscious; desire; ethics.

Recebido em 11 de outubro de 2012

Aprovado em 14 de novembro de 2012

Publicado em 28 de dezembro de 2012

UMA ÉTICA DO DESEJO

Lacan dizia que a única coisa da qual se pode ser culpado, pelo menos da perspectiva analítica, é de ter cedido de seu desejo. (Lacan, 1959-1960 / 1991, p.335) Mas que desejo é esse de que falava Lacan? Será o desejo sexual de que também falava Freud (1900/1973a), onipresente em nossos sonhos, mesmo que de maneira disfarçada?

Como nos mostraram Freud (1924/1973b, p. 2748-2751) e Lacan (1957-1958 / 1999, p.185-220), o desejo sexual é sempre conflituoso, na medida em que seus primeiros objetos são objetos proibidos. Daí decorre que todos os objetos substitutivos de nosso desejo comportem algo de conflituoso. Dito de outra forma, o desejo pode provocar angústia, todo desejo na sua origem comporta algo de recusado pelo sujeito.

Mas então, por que Lacan nos diz que podemos ser culpados por ceder de nosso desejo, se nós próprios recusamos em alguma medida esse desejo? É que de qualquer forma somos responsáveis por ele, mesmo que inconsciente, somos responsáveis pelo nosso desejo.

O que significa dizer que somos responsáveis pelo que desejamos, mesmo que este desejo seja inconsciente? Em última instância, isso significa dizer que o inconsciente faz parte de nós e que, talvez, ele seja mesmo a nossa própria essência. (Lacan, 1959-1960 / 1991, p.335)

Desde a invenção da Psicanálise, Freud nos colocou diante de uma realidade que altera definitivamente a concepção que temos do homem e de sua dimensão ética, dimensão que não pode mais recusar, deixar de lado a dimensão do desejo inconsciente.

Retomando a metáfora do “iceberg” em que a maior parte de nosso ser se encontra submersa nas profundezas do in-

consciente, qualquer ética que não leve em conta a dimensão do desejo inconsciente, é uma ética no mínimo superficial, para não dizer enganosa, o que em termos éticos já é uma falha de princípio.

A partir de Freud, o homem se vê diante do fato de que não é soberano dentro de sua própria casa, que não é dono de seus motivos mais profundos e de que pode se enganar quanto ao sentido de suas ações. Diante dessa realidade, qual a posição possível do homem diante da questão ética que, segundo Lacan (1959-1960 / 1991, p.373), trata do juízo que o homem faz de suas ações? Como vimos, obviamente, esse juízo não pode mais deixar de considerar a questão do desejo, mesmo que ele seja inconsciente. Daí, a questão ética que nos coloca Lacan: “agiste conforme o desejo que te habita?” (Lacan, 1959-1960 / 1991, p.376)

O tabu do incesto, fundador da cultura, nos coloca um limite que segundo Lacan, opera através do que ele chamou de metáfora paterna, operador simbólico que através da linguagem, nos separa da mãe natureza e nos torna seres falantes e desejantes. Essa mesma cultura nos oferece uma série de objetos na dimensão do ter que buscam amenizar a nossa irremediável *falta em ser*. A ética tradicional por sua vez, segundo Lacan, trata do serviço dos bens, ou seja, a ética do ter que mede a estatura moral do sujeito segundo suas posses ou segundo a depreciação do desejo, a modéstia, a temperança, ou seja, a moral do poder, do *status quo*, que quanto ao desejo, segundo Lacan (1959-1960 / 1991, p.377-378), vocês podem ficar esperando sentados.

Um dos sintomas atuais de nossa cultura diante desse dilema, crise ética mesmo eu diria, é o que se tem chamado de mal do século, a depressão. Junto de tantos outros sintomas tratados pela psiquiatria com toda pletora de psicofármacos que o serviço dos bens coloca a disposição

do sujeito contemporâneo, como as síndromes do pânico, os transtornos bipolares e os déficits de atenção, a depressão é um caso exemplar de como o sujeito é colocado diante da questão ética, a partir da pergunta: “agiste conforme o desejo que te habita?” Pergunta que, inevitavelmente, se coloca para qualquer sujeito como vimos a partir do momento em que o discurso sobre o inconsciente se fez presente na cultura em função da psicanálise inventada por Freud.

Nenhum sujeito hoje em dia pode fugir a essa questão, mesmo que segundo Lacan: (1959-1960 / 1991)

“...ao longo desse período histórico, o desejo do homem, longamente apalpado, anestesiado, adormecido pelos moralistas, domesticado por educadores, traído pelas academias, muito simplesmente refugiou-se, recalcou-se na paixão mais sutil, e também a mais cega, como nos mostra a história de Édipo, a paixão do saber.”(p.388-389)

Ou talvez, a paixão do não querer saber, a paixão da ignorância, como diz Lacan (1972-1973 / 1985, p.164), junto ao ódio e o amor, as outras duas paixões humanas. A paixão da ignorância, do não querer saber que, paradoxalmente, se mostra num “tudo querer saber” através da internet, da mídia, da ciência médica que poderia nos dar a pílula da felicidade: seja feliz, bonito, rico e sempre jovem.

Mas não vamos dourar a pílula: na depressão, o sujeito desiste de tudo isso, a vida não tem mais sentido. E ele tem razão: não há nenhuma razão na vida a não ser aquela que damos a ela. Contudo, ao mesmo tempo, o depressivo se engana, o vazio que ele sente não é aquele dos bens que deixaram de fazer sentido, mas o do desejo que ele não reconhece em si mesmo. Ele é culpado, é verdade, mas não por aquilo de que se culpa. Ele é culpado por ter cedido de seu desejo e também da an-

gústia que muitas vezes o acompanha, pois como vimos no início, todo desejo humano é conflituoso ou, ao menos, está fadado à insatisfação na medida em que é desejo de outra coisa, segundo a fórmula de Lacan (1957-1958 / 1999, p. 418), ou seja, é sempre o desejo por algo substitutivo ao objeto proibido. Mais do que isso, objeto impossível, na medida em que, enquanto seres falantes, nunca alcançamos aquilo que demandamos, ou seja, o que alimenta o desejo é justamente a falta daquilo, daquela última palavra que diria o que desejamos. Pois afinal, alguém pode dizer o que realmente deseja?

O que podemos fazer, a partir de Freud, ou melhor, o que temos a fazer é, ao menos, nos interrogarmos sobre o nosso desejo. É a isso o que nos conduz uma ética do desejo, noutras palavras, a Psicanálise.

Portanto, poderíamos dizer que o remédio que a Psicanálise propõe para a depressão e outros males da nossa atualidade, é o desejo. Na verdade, que nos interroguemos sobre o nosso desejo. Mais do que isso, que nos façamos responsáveis por nosso desejo e que possamos então, responder à questão: “agiste conforme o desejo que te habita?” Ou, pelo menos, “queres agir conforme o teu desejo?” Pois, cuidado, os desejos podem se realizar!

Mas novamente surge a questão: como podemos responsabilizar-nos por um desejo do qual nada sabemos, que é inconsciente? Como poderíamos orientar nossas ações segundo um desejo que nós próprios desconhecemos?

Esse questionamento faz lembrar uma historieta contada a respeito de Sartre (1987, p.10-11), confrontado pela dúvida de um jovem integrante da resistência francesa, à época da invasão alemã na segunda guerra mundial. O jovem pergunta ao filósofo se deveria partir para a importante missão à qual havia sido designado, ou se deveria visitar a mãe doente que estava à beira da morte. Diante da dúvida do com-

batente que não conseguia decidir entre as duas possibilidades de ação igualmente importantes para ele, Sartre lhe diz que não poderia ajudá-lo a decidir-se, pois o jovem só poderia conhecer o sentido de sua ação, julgá-la, após realizá-la.

Ou seja, seria num só depois que o jovem combatente poderia dizer do sentido de sua ação. Poderíamos dizer que, em que pesem as divergências do existencialismo com a psicanálise, Sartre agiu como um psicanalista. Noutros termos, ele colocou o jovem combatente diante da questão: “qual é teu desejo?” E mesmo que o jovem não pudesse responder à questão de antemão, se ele só pudesse dizer qual fosse seu desejo, após realizar a ação, ele não estaria livre de responder à questão: “agiste conforme teu desejo?”.

Ele poderia tranquilizar-se com a decisão tomada ou arrepender-se, mas só num depois. Isso lembra a questão da dúvida do obsessivo que evita escolher, já que toda escolha implica em alguma perda, coisa da qual o obsessivo não quer nada saber, o que nos leva de volta à dúvida do jovem combatente. (Dor, 1994)

Também nesta situação está implicada a questão da perda. Qualquer que fosse a decisão tomada, haveria uma perda, cabia a ele e a mais ninguém a escolha, cujo sentido somente se revelaria após o ato. Momento de extrema solidão em que o sujeito se vê, sem escapatória, diante de si mesmo enquanto sujeito responsável por suas escolhas, mesmo que essa escolha fosse justificada por motivos atribuídos a um Outro como o dever à pátria ou o dever filial que no fim, são a mesma coisa.

Entretanto, essa historieta, embora ilustre bem a dificuldade em que se coloca o sujeito diante de duas opções igualmente importantes e a posterioridade do sentido da escolha feita, ainda não nos revela totalmente a questão do desejo implicada aí. Será que o desejo do sujeito já estivesse presente no momento da dúvida, em estado

latente, ou esse desejo era ainda informe e só pudesse ser reconhecido a partir da ação, da escolha efetuada? Haveria uma precedência natural do amor filial sobre o dever à pátria ou este poderia superar o primeiro em função do compromisso com os companheiros de luta?

A questão da precedência do desejo sobre a ação ou o seu contrário, se resolve em Lacan (1962 / Inédito), a partir do uso que o mesmo faz da fita de Möbius em que as duas superfícies da mesma, unidas em suas pontas, após uma ligeira torção, mostram uma continuidade entre o dentro e o fora, o em cima e o embaixo, o exterior e o interior e por conseqüência, o passado e o presente.

Poderíamos dizer então, a partir de uma continuidade entre desejo e ato, que a escolha é um desejo em ato, ou não, que o ato é uma recusa do desejo, o que nos leva de novo à questão: o ovo ou a galinha? Na verdade, escolha, ato e desejo são indissociáveis, seja uma afirmação do desejo ou uma recusa dele, o que só poderá ser decidido num depois, pois o desejo aceito ou não, só se revela no presente, o próprio desejo inconsciente, ele está sempre no presente, ele só conhece o presente, como dizia Freud, mas ele acontece em outra cena.

Essa outra cena é o inconsciente, que é sempre coalescente ao consciente conforme ilustra a fita de Möbius e essa outra cena, não nos furtaremos a nomeá-la, é o infantil. O desejo infantil está sempre presente em nossas ações, é o “beabá” da Psicanálise. E podemos recusá-lo mesmo que seja inconsciente? Mesmo que ele não seja adequado à nossa condição de adultos, mesmo que ele tenha que encontrar substitutos que, muitas vezes, não nos sejam tão, favoráveis assim?

A Psicanálise, inventada por Freud, inaugurou uma nova ética que nos faz responsáveis, inclusive pela criança que habita em nós e, que nos faz agir, algumas vezes, de forma “irresponsável”. Pois

o que dizer de algumas formas de comportamento do homem moderno, baseadas em ideais fundamentalmente narcísicos? A busca frenética pelo poder, pelos bens do capital, pela eterna beleza, o gozo descartável que coloca em risco a sobrevivência da própria espécie e do planeta, nos faz responsáveis até mesmo pelo lixo, pelos restos que cada um produz e pelo destino que se dá a eles.

Mas o que isso tem a ver com o desejo? O desejo se opõe ao gozo, mobilizado pela pulsão que é sempre de morte como nos diz Lacan. O gozo que se busca, afinal, é sempre o gozo de ser que se perde quando se entra no mundo da linguagem e que encontra seu limite na demanda e no desejo. O desejo faz limite ao gozo, pois diferente deste, o desejo pressupõe o Outro, na fórmula de Lacan, “o desejo é o desejo do desejo do Outro” (Lacan, 1957-1958 / 1999, p. 476). O gozo enquanto gozo de ser, nega o Outro, pois busca a negação da falta em ser que caracteriza o ser falante.

O gozo do ser é solitário, autista mesmo, e em seu lugar surge o gozo fálico que é parcial, temperado pelo desejo. É claro que o gozo fálico é sempre insatisfatório dado ser parcial (a não ser no outro gozo d’a mulher de que fala Lacan (1972-1973 / 1985, p. 87-104), mas, no entanto, é o gozo a que temos acesso quando desejamos, pois desejar já implica necessariamente a falta. Desejamos, portanto, o que nos falta e ao sermos faltosos, incompletos, não podemos ser.

Na atualidade, entretanto, se busca o ser pelo ter, pela posse dos bens que são, na verdade, um arremedo do ser que nos falta. Ou então, de uma forma mais direta, o gozo de ser se obtém através do uso das drogas que amenizam o mal estar em nossa cultura, na civilização. Mal estar que não se resolve, pois ele é inerente à cultura e ao próprio humano que é caracterizado pela falta quando este entra no desfiladeiro da linguagem.

Então, para além da dimensão inconsciente de nosso desejo que não nos tira a responsabilidade dele, a questão que nos coloca Lacan - “agiste conforme teu desejo?” - também nos coloca diante da responsabilidade pelo mal estar que advém da falta, a qual nenhum, bem, posse, ou realização humana será capaz de elidir, pois é, a partir dela mesma que nos tornamos humanos.

REFERÊNCIAS

- DOR, J. (1994) *Estruturas e clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Taurus Editora.
- FREUD, S. (1973a) La interpretación de los sueños. (1900) In. *Obras Completas de Sigmund Freud*. (Vol. 1, 3ª. ed) Madrid: Biblioteca Nueva (Original de 1900).
- _____. (1973b) La disolución del complejo de Edipo. In. *Obras Completas de Sigmund Freud*. (Vol. 3, 3ª. ed) Madrid: Biblioteca Nueva. (Original de 1924).
- LACAN, J. (1985) *O Seminário, Livro 20: mais ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Original de 1972-1973).
- _____. (1991). *O Seminário, Livro 7: A ética da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Original de 1959-60).
- _____. (Inédito) *O Seminário, Livro 9: A Identificação*. (Original de 1962).
- _____. (1999) *O Seminário, Livro 5: As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Original de 1957-1958).
- SARTRE, J. P. (1987). O existencialismo é um humanismo. In: *Os pensadores*. São Paulo: Nova Cultural.

¹ Psicanalista. Professor Associado colaborador na pós-graduação do Departamento de Psicologia da UFSC, coordenador do Fórum do Campo Lacaniano Florianópolis (em formação), autor do livro, “A Estrutura da Histeria em Madame Bovary”. Endereço: Departamento de Psicologia, CFH, UFSC, Campus Universitário, Trindade, 88040-900, Florianópolis, SC. e-mail: sscotti@mbbox1.ufsc.br